

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO – UFRPE
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA E TECNOLOGIA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ARTES E TECNOLOGIAS**

GILMERE LOPES DA SILVA

**ARTES E TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: PRÁTICAS
PEDAGÓGICAS NAS ESCOLAS DA REDE MUNICIPAL DO RECIFE.**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Artes e tecnologias da Universidade Federal Rural de Pernambuco, como requisito para obtenção do título de Especialista.

Orientadora: Cristiane Barbosa Tosta da Silva – UFRPE

Recife – PE

2019

GILMERE LOPES DA SILVA

**ARTES E TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: PRÁTICAS
PEDAGÓGICAS NAS ESCOLAS DA REDE MUNICIPAL DO RECIFE.**

Monografia apresentada para a
obtenção do título de Especialista em
Artes e Tecnologias sob orientação da
Professora Ms. Cristiane Barbosa Tosta
da Silva.

Aprovada em 23/07/2019

Banca Examinadora

Orientadora Professora Ms. Cristiane Barbosa Tosta da Silva

Examinador Professor Dr. Charles Ricardo Leite da Silva

Examinador Professor Ms. Sílvio Profirio da Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE
Biblioteca Central, Recife-PE, Brasil

S586a Silva, Gilmere Lopes da
Artes e tecnologias na educação de jovens e adultos: práticas pedagógicas nas escolas da rede municipal do Recife / Gilmere Lopes da Silva. – 2019.
35 f. : il.

Orientadora: Cristiane Barbosa Tosta da Silva.
Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) –
Universidade Federal Rural de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em Artes e Tecnologias, Recife, BR-PE, 2019.
Inclui referências.

1. Arte - Estudo e ensino 2. Educação de jovens e adultos 3. Arte na educação 3. Tecnologia educacional I. Silva, Cristiane Barbosa Tosta da, orient. II. Título

CDD 370

Dedico este trabalho a minha família,
por ter acreditado, por ter me incentivado e
dado todo o apoio na minha ausência ao lar.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me concedido todos os avanços da minha vida e ter permitido alcançar mais essa etapa.

À minha família, pelo apoio e compreensão nas ausências.

À professora orientadora Cristiane Tosta e a coordenadora Énery Melo, pela orientação e apoio na execução dos trabalhos, dedicação e motivado à realização da pesquisa.

Aos professores da UFRPE, pela contribuição e incentivo na busca de novos conhecimentos.

Aos meus colegas de turma, por permitirem o compartilhamento de suas experiências, pelos momentos de reflexão e brincadeiras.

As instituições pesquisadas, na figura do (a)s dirigentes e participantes da pesquisa, que se mostraram solícitos em cooperar.

“Gosto de ser gente porque, inacabado, sei que sou um ser condicionado mas, consciente do inacabamento, sei que posso ir mais além dele”.

Paulo Freire

RESUMO

O presente trabalho de pesquisa buscou compreender o ensino de Arte integrada às tecnologias na Educação de Jovens e Adultos (EJA), a vivência das práticas pedagógicas dos docentes nesse âmbito das escolas da Rede Municipal do Recife, tomando como base nos estudos de Sérgio Haddad e Maria Clara Di Pierro sobre a EJA, articulando as tecnologias às discussões de Ana Mae Barbosa sobre o Ensino de Arte no contexto educacional e Antoni Zabala sobre Prática Pedagógica. Para tanto, foi adotada como perspectiva metodológica a pesquisa qualitativa, de caráter descritivo e interpretativo, utilizando-se como instrumentos de coleta de dados a realização de entrevista semiestruturada, bem como a observação de aulas de dois professores/as dessa modalidade de ensino. Considerando a arte como uma linguagem que se manifesta com características distintas em cada época e cultura, assim também, como as tecnologias, entendemos que sua apropriação por parte do estudante jovem e adulto significa a aquisição de conhecimento sobre si e sobre o mundo, com influência de suas próprias experiências de vida no processo de construção desse conhecimento. Desse modo, entendemos que, por mais que a Educação de Jovens e Adultos tenha obtido consideráveis avanços enquanto modalidade e campo de estudos, sua efetividade também é comprometida na medida em que os diferentes conteúdos e saberes são entendidos e ensinados de forma distorcida ou mesmo ignorados pelos docentes, quanto à realidade, e pelas instituições responsáveis pelo atendimento desse público específico. Nesse sentido, os resultados mostraram que o ensino e aprendizagem de Arte integrada às tecnologias na EJA podem sofrer implicações a depender do contexto socioeconômico no qual os estudantes estão inseridos, da experiência e didática docente e também da faixa etária dos alunos.

Palavras-Chave: Educação de Jovens e Adultos; Ensino de Arte; Tecnologias; Práticas Pedagógicas.

ABSTRACT

This research aimed to understand the teaching of Art integrated to technologies in Youth and Adult Education (EJA), the experience of teaching practices of teachers in this area of schools of the Recife Municipal Network, based on the studies of Sérgio Haddad and Maria Clara Di Pierro on EJA, linking technologies to Ana Mae Barbosa's discussions on Art Teaching in the educational context and Antoni Zabala on Pedagogical Practice. For this purpose, the qualitative, descriptive and interpretative research was adopted as a methodological perspective, using as data collection instruments the conduction of semi-structured interviews, as well as the observation of classes of two teachers of this teaching modality. . Considering art as a language that manifests itself with distinct characteristics in each age and culture, as well as technologies, we understand that its appropriation by the young and adult students means the acquisition of knowledge about themselves and the world, with influence. of their own life experiences in the process of building this knowledge. Thus, we understand that, although Youth and Adult Education has made considerable advances as a field and field of study, its effectiveness is also compromised as the different contents and knowledge are distorted or even ignored and even ignored. by the teachers, as to reality, and by the institutions responsible for serving this specific public. In this sense, the results showed that the teaching and learning of art integrated with the technologies in the EJA can suffer implications depending on the socioeconomic context in which the students are inserted, the teaching experience and didactics and also on the age group of the students.

Keywords: Youth and Adult Education; Art Teaching; Technologies; Pedagogical Practices.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1. Discutindo a Educação de Jovens Adultos.....	12
2. O Ensino de Arte na formação dos sujeitos.....	13
3. Tecnologia na Educação.....	15
4. Mudar a forma de ensinar-aprender com tecnologias.....	16
5. A prática pedagógica: implicações ao ensino.....	17
6. Percurso metodológico: o campo, os sujeitos e as questões.....	19
6.1 A Abordagem de Pesquisa.....	19
6.2 A Natureza da Pesquisa.....	20
6.3 Procedimentos Metodológicos.....	20
6.3.1 A Entrevista.....	20
6.3.2 Questionários.....	21
6.4 O Contexto da Pesquisa.....	22
6.5 Os Sujeitos da Pesquisa.....	22
6.6 Análise dos Dados.....	23
6.6.1 A dinâmica na EJA.....	23
6.6.2 A Prática do ensino da Arte.....	25
6.6.3 Implicações da Prática Pedagógica.....	28
7. Resultados	32
8. Considerações Finais.....	34
Referências.....	35

INTRODUÇÃO

Este trabalho de pesquisa buscou compreender como se dá a prática do ensino da arte integrada às tecnologias na educação de jovens e adultos em escolas da rede municipal do Recife. Nesse sentido, procurou identificar a metodologia utilizada pelo professor e observar como ocorrem as dinâmicas de ensino e aprendizagem, de forma que seja possível, através da arte e tecnologias, construir significados que sejam capazes de transformar positivamente as realidades do público dessa modalidade de ensino.

Oficialmente, a Educação de Jovens e Adultos no Brasil começou a partir da década de 1930 com a consolidação de um sistema público de educação elementar, quando o país passava por transformações como a industrialização e a concentração populacional nos centros urbanos. Mas, para Haddad e Di Pierro (2000) “só após o fim da Segunda Guerra Mundial e com as exigências de organismos internacionais como a ONU por uma nação mais integrada e democrática”, a Educação de Jovens e Adultos começou a se destacar em meio aos debates educacionais no país. Porém, entre as motivações também havia a urgência de aumentar as bases eleitorais para a sustentação do governo.

De acordo com Libâneo (2009, p. 261): “A EJA é uma modalidade de educação que se destina aos que não tiveram, na idade própria, acesso ao ensino fundamental e médio ou continuidade de estudos nesses níveis de ensino”. Considerando que os sistemas de ensino devem garantir oportunidades de educação adequada levando em conta as especificidades do alunado, entre as quais seus interesses, condições pessoais e profissionais, entende-se que o poder público precisa disponibilizar acesso e criar meios, ações que possam assegurar a permanência desse aluno, de forma que o mesmo se desenvolva em sua plenitude.

Nesse contexto, o ensino deve ser não apenas um canal de acesso ao saber e à produção-apropriação do conhecimento, mas sim, uma ação integrada professor-aluno em espaço de aprendizagem onde reúnem teorias e práticas. Considerando a arte como uma linguagem que se manifesta na história da humanidade com características distintas em cada época e cultura, entendemos que ao se apropriar desse campo do conhecimento, o estudante jovem e adulto estará adquirindo conhecimentos sobre si e sobre o mundo. Segundo Buoro (2009, p.33):

Ao expressar-se por meio da Arte, o aluno manifesta seus desejos, expressa seus sentimentos, expõe enfim sua personalidade. Livre de julgamentos, seu subconsciente encontra espaço para se conhecer, relacionar, crescer dentro de um contexto que o antecede e norteia sua conduta.

Ou seja, o ensino envolvendo a arte possibilita o desenvolvimento do aluno numa maior dimensão como ser humano capaz de transformar sua realidade. E esse ensino para ser atingido, precisa ser realizado a partir de um currículo específico voltado para a realidade do estudante jovem e adulto; realidade essa que transpõe os muros da escola. Nesse sentido, se fazem necessários, além de uma infraestrutura que envolve um projeto pedagógico-curricular e plano de trabalho bem definidos juntamente com uma coordenação pedagógica segura de sua orientação metodológica, além da necessária disposição por parte dos professores.

Isso quer dizer que não basta apenas o empenho do professor, ou da coordenação, constar no currículo, há que envolver-se todos em conjunto, inclusive o próprio aluno, para que se possam desenvolver uma aprendizagem transformadora baseada num contexto social cada vez mais dinâmico, incerto e complexo.

Desse modo, este estudo teve por finalidade compreender como se dá o ensino da arte na Educação de Jovens e Adultos nas escolas da rede municipal do Recife (PE), analisando tal processo a partir da configuração das práticas pedagógicas, mas também a efetividade na oferta deste conteúdo, especialmente por meio das dinâmicas vivenciadas nas salas de aula.

A ideia de realizar um estudo sobre tal temática surgiu a partir de contatos anteriormente com essa modalidade de ensino em meio às atividades realizadas ao longo do curso de Pedagogia. Entendendo que a educação básica é um direito social, e por isso deve ser ofertada gratuitamente e sem distinção, a Educação de Jovens e Adultos (EJA) deve ser ofertada com qualidade, e isso envolve a consideração das particularidades dos sujeitos que a compõem.

Tendo em vista que a Educação de Jovens e Adultos trata-se de uma modalidade oficialmente reconhecida e que, como tal, tem um conjunto de especificidades a serem consideradas, o que envolve a dimensão da prática pedagógica das/dos professoras/es em relação aos diferentes campos do conhecimento e de saberes; este estudo se propôs a compreender como se dá nessa modalidade a prática de Ensino de Artes integradas às tecnologias.

O interesse em investigar esse tema foi motivado por algumas questões, entre as quais: Como ocorre a dinâmica de ensino e aprendizagem na sala de aula da EJA? Que perspectiva sobre artes e tecnologias é adotada nas práticas pedagógicas dos professores? Como isto se expressa nos materiais e processos pedagógicos? De que maneira a prática pedagógica dos professores também reflete uma dada perspectiva sobre artes e tecnologias através do ensino?

A problematização desse aspecto muitas vezes ignorado coloca em relevo não apenas sua importância enquanto conhecimento a ser ofertado para além do público do ensino

regular, mas também pela necessidade de coerência entre o que se propõe no currículo e o que se concretiza enquanto prática pedagógica nas salas de aula.

1. Discutindo a Educação de Jovens e Adultos

A Educação de Jovens e Adultos é uma modalidade de educação oficial regulamentada pela LDBEN (Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), Lei nº 9394/96, a qual se destina a grupos de pessoas que são reconhecidamente analfabetos, de pessoas que passaram pela escola, mas não puderam permanecer e pessoas que estiveram na escola em momentos intermitentes e que não conseguiram concluir o ensino fundamental e médio em idade apropriada. A esse respeito, a Lei nº 9394/96, no artigo 37, §1º e §2º estabelece que:

Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames. E ainda, o poder público viabilizará e estimulará o acesso e a permanência do trabalhador na escola, mediante ações integradas e complementares entre si (CARNEIRO, 1998, p.103).

Dessa forma, espera-se que o poder público, por meio das instituições de ensino e dos parâmetros curriculares, consiga fomentar meios e práticas pedagógicas adequadas que possibilitem aos alunos da EJA superarem o desafio de concluir com qualidade a educação básica, assim como tornarem-se pessoas críticas e capazes de transformar suas realidades.

No que diz respeito aos Parâmetros Curriculares para a EJA (da 5ª à 8ª séries do ensino fundamental), segundo o Ministério da Educação, a proposta curricular para essa modalidade de educação envolve orientação da:

LDBEN nº. 9.394/96 e das Diretrizes Curriculares nacionais para a Educação de Jovens e Adultos, do Conselho Nacional de Educação, segundo os quais esse processo deve ser construído em diferentes níveis de concretização, envolvendo as secretarias de educação estaduais, municipais e as escolas em que a EJA se insere, chegando ao detalhamento máximo nos planos específicos dos cursos e do planejamento de cada professor (BRASIL, 2002, p.79).

A EJA é constituída de um grupo populacional cada vez mais jovem, que chega à escola desmotivada, desencantada com os estudos devido à descontextualização do ensino pela transmissão de informação, ou ausente das salas de aula já há algum tempo, não conseguindo enxergar sentido entre educação e o mundo do trabalho, e nem mesmo para a vida de forma mais ampla. Não por acaso, uma parte dos jovens estudantes da EJA apresentam problemas disciplinares, ou estão no curso unicamente por exigência dos pais como última opção para a conclusão do ensino básico. Essa realidade traz implicações também para a relação entre

educando e educador, assim como no trato com o ambiente educacional, com os materiais e com a própria dinâmica de ensino e aprendizagem. Como destaca Brunel (2004, p.10):

[...] os alunos são mais jovens, muitos pararam há pouco tempo de estudar, são recém-egressos do ensino regular, e a maioria possui um histórico de repetências. Este fato, em alguns casos, faz com que o aluno perca o desejo de continuar na escola.

Por isso, há muito tempo a Educação de Jovens e Adultos vem se configurando mais como um ato de esforço e mobilização individual do que ação do sistema educacional, o que até hoje se constata nas dificuldades de acesso à escola, a falta de espaços físicos adequados e estrutura político-pedagógica. De acordo com Soares, Oliveira e Silva (2009, p.185):

[...] uma série de barreiras, desde as próprias condições limitadas de acesso à escola até a inadequação de espaço físico, currículos, conteúdos, métodos e materiais didáticos. Assim, a EJA se caracteriza pela reprodução e transferência de forma empobrecida, de métodos e currículos voltados para a educação de crianças [...] compreendemos que a educação para a emancipação, em termos concretos, só é possível mediante a libertação de certos empecilhos, certos obstáculos. E o que nesse momento se apresenta como obstáculo chamamos de regulação [...].

No entanto, não se pode esperar que os avanços na EJA dependa apenas do esforço ou criatividade do professor dentro de uma sala de aula. Há uma necessidade de maior compromisso e efetividade do poder público no sentido de viabilizar as condições políticas-estruturais que ainda se impõem sobre a EJA e fazem dela uma extensão da estratificação da sociedade.

2. O Ensino de Arte e a formação dos sujeitos

Em todas as épocas, lugares, culturas e contextos, o ser humano parece ter produzido arte, o que sugere carregar consigo a necessidade de expressar simbolicamente a vida através desse tipo de linguagem. A história da humanidade, por sinal, é marcada pelas invenções criativas de objetos que têm contribuído não só para a sobrevivência, mas também para expressar sua subjetividade. Com o passar do tempo, alguns objetos de caráter utilitário, passaram a ser percebidos por essa dimensão emocional e pela via da expressão artística. Mas, a humanidade também veio a criar objetos e símbolos para intencionalmente serem entendidos como a própria Arte, esta entendida como forma de marcar, de comunicar, de mostrar, de expressar simbolicamente a realidade do contexto social da época, como no caso das pinturas rupestres nas paredes das cavernas e objetos feitos de barro, argila e pedras, encontrados em pesquisas arqueológicas. Desse modo:

A arte evidencia sempre o momento histórico do homem. Cada época, com suas características, contando o seu momento de vida, faz um percurso próprio na representação, como questão de sobrevivência. [...] Portanto, entendendo Arte como produto do embate homem/ mundo, consideramos que ela é vida e, por meio dela, o homem interpreta sua própria natureza, construindo formas ao mesmo tempo em que (se) descobre, inventa, figura e conhece (BUORO, 2009, p. 25).

Observa-se, portanto, que a arte está em tudo que a espécie humana faz em suas ações ao longo da história. E sendo assim, muitas outras formas de manifestações artísticas podem ser tidas como modo de expressão dos indivíduos na atualidade: a escultura, que pode representar características do criador, da beleza do homem ou da mulher, a forma de vestir-se, expressar tristeza, alegria, harmonia, etc. Da mesma forma a fotografia e a pintura também podem revelar fortes características como as já mencionadas. O cinema, que em áudio e vídeo pode representar qualquer época, contexto e situações vivenciados ou não pela humanidade, baseados em fatos reais ou ficções, mas que provoca forte reflexão a respeito das ações, dos papéis do indivíduo enquanto ser social. Nessa mesma direção, existem expressões como a dança, a ginástica olímpica, as performances circenses, a literatura, a música, e mesmo a gastronomia, assim como tantas outras. Nas palavras de Abaurre et al (2008, p.06).

Toda criação pressupõe um criador que filtra e recria a realidade e nos permite sua interpretação. A arte, desse ponto de vista, é também o reflexo do artista, de seus ideais, de seu modo de ver e de compreender o mundo. Como todo artista está sempre inserido em um tempo, em uma cultura com sua história e suas tradições, a obra que produz será sempre, em certa medida, a expressão de sua época, de sua cultura.

Dessa forma, a arte também pode ser concebida como disciplina teórica e prática necessária, com possibilidades de articular interdisciplinarmente e transversalmente conhecimentos, melhorando qualitativamente o ensino e aprendizagem. Sobre esta perspectiva integralizadora em relação ao ensino da arte, destaca Barbosa (1998, p. 40):

Leitura da obra de arte é questionamento, é busca, é descoberta, é o despertar da capacidade crítica [...] do conhecimento construído pelo próprio aluno com a mediação do professor, acerca do mundo visual e não uma educação bancária.

O trabalho com esse tipo de ensino, portanto, favorece uma educação com base no desenvolvimento dos sujeitos numa dimensão ampliada, fomentando-se novas leituras de mundo e descobertas que contribuem no exercício e fortalecimento da autonomia e da formação de sujeitos transformadores de si e do seu contexto.

Além disso, entende-se que o ensino da arte na EJA proporciona ao sujeito uma postura crítica sobre o contexto social e permite conhecer nas diferenças a importância da diversidade em todos os aspectos. Da mesma forma, também amplia o conhecimento e sensibiliza sobre possíveis transformações da nossa realidade. Ao discutir tal potencialidade, Freire (1996)

destaca que a força criadora do aprender de que fazem parte a comparação, a repetição, a constatação, a dúvida rebelde, a curiosidade não facilmente desfeita, supera os efeitos negativos do “falso ensinar”. Na perspectiva do autor, o aluno, mesmo não letrado e\ou alfabetizado, como nos casos dos da EJA, trazem consigo para a escola seus saberes e conhecimentos adquiridos ao longo de sua trajetória de vida. Diante disso, o aluno faz comparações com o que ele já sabe e, ao comparar, ele constata; ao constatar ele constrói novos saberes.

Cabe ao professor, portanto, estimular a curiosidade, a questionar, indagar os alunos para uma aprendizagem reflexiva e que esta faça sentido dentro de seu contexto social, e não apenas apresentar conteúdos prontos e acabados que não leva ao aluno a nenhuma reflexão e criticidade. A curiosidade desperta no aluno o desejo de saber cada vez mais. É através dessa curiosidade que, nós, enquanto seres humanos, somos instigados a saber o porquê de determinadas coisas. Esse saber contribui para o despertar da criatividade na hora de representar um determinado objeto, um sentimento, seja ele por meio de um desenho, uma pintura, expressões corporais, entre tantos outros. Como afirma Reverbel (1997, p.24) “[...] toda arte é expressão, seja ela teatro, música, pintura, escultura, cinema ou dança. Trata-se de expressar, de modo concreto, a criatividade que existe em todo ser humano”. Desta maneira, entendemos que sem curiosidade não ampliaríamos nossa criatividade, não teríamos avanços nas Artes, nas Ciências, nas Tecnologias, e que a cada dia são enriquecidos por nossas contribuições, a fim de deixarmos o mundo melhor por meio daquilo que também criamos.

3. Tecnologias na Educação

As tecnologias são partes integrantes da humanidade desde os tempos remotos, quando se utilizava ferramentas primitivas para o auxílio nas tarefas, como caçar, cortar madeiras e para se defender das ameaças predatórias e dos inimigos de tribos diferentes. Ou seja, as tecnologias estão em todos os lugares, e conseqüentemente, nas escolas. Segundo Kenski (2003, apud PADILHA, 2009, p.6), “tecnologia pode ser considerada como o conjunto de conhecimentos e princípios científicos que se aplicam ao planejamento, à construção e à utilização de um equipamento em um determinado tipo de atividade”. E ainda, para a mesma, “a tecnologia são as ferramentas e as técnicas que correspondem aos usos que lhe destinamos, em cada época”.

As tecnologias também podem ser digital, forma atual que integram todos os ambientes da sociedade. Nesta, fazem partes os smartphones, computadores em geral

integrados à internet. Nesse contexto, se insere o paradigma das tecnologias nas escolas, nos ambientes educacionais, no dia-a-dia dos educando e educadores.

Segundo Padilha (2009, p.10),

O trabalho com a tecnologia na escola vem se justificando por diversos motivos: um deles é aproximar a escola da realidade do aluno. Outro motivo é aproveitar as possibilidades informacionais e comunicacionais dessas tecnologias. Mas é preciso olhar para muito além disso. Trabalhar com os mais diversos recursos tecnológicos na escola é proporcionar aos alunos a possibilidade de ter acesso a uma cidadania plena. Além disso, dispor dos meios tecnológicos é uma forma de proporcionar o acesso à cultura aos nossos estudantes.

4. Mudar a forma de ensinar-aprender com tecnologias

Educar é toda a forma que venha a colaborar para quem ensina e para quem aprende (quem ensina também aprende) e possam desenvolver suas habilidades em processos contínuos de aprendizagem. Educamos quando nos entregamos aos nossos sentimentos e num ato de cumplicidade buscamos aprender com as nossas convivências, possibilitando o acúmulo de experiências e que estas possam ser compartilhadas promovendo a aprendizagem, o conhecimento.

Com a internet, fazendo parte cada vez mais do contexto educacional, trazendo consigo inúmeras facilidades que podem auxiliar nas atividades individuais e em grupos, há necessidade de modificar, reformular a maneira de ensinar e de aprender, pois considerando as diferenças individuais de um público cada vez mais exigente, autônomo e mais ocupado, é justificado que o ensinar e o aprender não se configuram mais em espaço e tempo determinados. É claro que não se pode ser tão radical a ponto de achar que os espaços de encontro presencial devam ser extintos do contexto educacional. Há momentos, assuntos que devem ser discutidos, dialogados presencialmente, e outros que podem ser tratados à distância, às vezes com o auxílio do mediador e às vezes o próprio aluno pode avançar sozinho.

Sala de aula ou ambiente de aprendizagem, hoje, não significa apenas um espaço físico onde participante (aluno e professor) obrigatoriamente se encontra para que seja passada e corrigida tarefa de “casa”. Sala de aula ou ambiente de aprendizagem é todo espaço no qual, alunos e professores possam interagir, compartilhar, trocar experiências e informações, desencadeando de forma colaborativa, um processo contínuo de transformações em conhecimento.

É muito importante e necessária dentro deste processo de aprendizagem, seja presencial ou à distância, a figura do professor-mediador, mesmo este não sendo o foco, até porque o que interessa é a aprendizagem, o foco é naquele que aprende. E por isso mesmo este necessita de colaboração, de motivação, orientação, coordenação para que possa avançar no processo de sua formação contínua.

Transformar a aula em pesquisa e comunicação é um papel fundamental que o professor tem que procurar fazer nos primeiros momentos, contatos com os alunos, pois é aí que ele busca sensibilizá-los do valor daquilo que eles vão fazer e da importância da colaboração, da participação de cada um neste processo. O valor individual é muito importante quando compartilhado em grupo.

O docente deve procurar de forma contínua se manter atualizado, ser especialista naquilo que faz, mostrar ter segurança, competência, passar confiança, ser aberto ao diálogo, ser curioso, saber trabalhar os temas de forma contextualizada buscando desenvolver o senso crítico do seu aluno.

Segundo Social Construtivism (Vigotski, 1997 apud Coll, 2006), o aprendizado e desenvolvimento é uma atividade colaborativa e social que não pode ser “ensinada”. O próprio estudante tem que construir o seu entendimento da atividade, e o mediador atua como facilitador deste processo. Ou seja, espera-se que o aluno seja um sujeito ativo, que participa do processo de aprendizagem, esteja consciente da necessidade e o porquê da sua participação na atividade.

5. A Prática pedagógica: implicações ao ensino

O currículo da unidade educacional é base do projeto pedagógico, no qual constará a filosofia de trabalho e de gestão, o perfil de cidadão que será formado na instituição. A respeito do currículo, a LDB 9.394/96, capítulo II, o qual trata da educação básica, estabelece as diretrizes obrigatórias, comuns à educação nacional, mas deixa à escola a liberdade de trabalhar seus projetos que visem ao atendimento da comunidade, conforme o artigo a seguir.

Art. 26. Os currículos do ensino fundamental e médio devem ter uma base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela. (CARNEIRO, 1998, p. 84).

Dessa forma, embora os currículos do ensino fundamental e médios sejam obrigatoriamente elaborados em base nacional comum, nada impede que a escola, juntamente

com as comunidades locais construa, reformule o currículo ou currículos para que seja refletido às necessidades peculiares da população assistida. Nesse sentido, trabalhar práticas na Educação de Jovens e Adultos parte do pressuposto de que se tenha um constituinte do perfil, das características do público o qual fará parte do processo educativo. Ou seja, o público da EJA não é qualquer público. Ele é formado por pessoas com suas histórias, trajetórias socioetnorraciais, vindos do campo, periferias, marginalizados economicamente, com diferenças significativas de idade, de escolarização e diversidades culturais. Sendo assim, espera-se que as práticas educativas no ensino de artes integradas às tecnologias sejam condizentes com as realidades para que se possa alcançar aprendizagens significativas. Conforme Soares (1999),

[...] a necessidade de se estabelecer um perfil do aluno mais aprofundado, a tomada da realidade em que está inserido como o ponto de partida das ações pedagógicas, o repensar dos currículos com metodologias e materiais didáticos adequados às suas necessidades e a formação de professores condizentes com as especificidades da EJA (SOARES, 1999, p.28).

Sendo assim, a prática pedagógica deve ser entendida como concretização das proposições curriculares e se dão através das relações e ações dos sujeitos da comunidade escolar: professores, alunos e gestores sob os conhecimentos e/ou conteúdos pedagógicos, envolvendo determinado contexto social e com finalidade a formação humana dos sujeitos envolvidos.

Isso significa que o professor de Arte precisa estar integrado às realidades para buscar diferentes estratégias didático-pedagógicas a fim de atingir os objetivos proposto da aprendizagem em forma ampla, interdisciplinar e transversal. Precisa, também, estar consciente de que o fazer pedagógico tem mais eficiência quando transforma sua prática na busca de atender as reais necessidades dos educandos. Como diz Zabala (1998, p.13):

Um dos objetivos de qualquer bom profissional consiste em ser cada vez mais competente em seu ofício. Geralmente se consegue esta melhoria profissional mediante o conhecimento e a experiência: o conhecimento das variáveis que intervêm na prática e a experiência para dominá-las.

Nesse sentido, Libâneo (2009), destaca que o domínio dos conteúdos e adequação destes aos conhecimentos que o aluno já possui, a seu desenvolvimento mental, a suas características socioculturais e suas diferenças; domínio das metodologias de ensino correspondentes aos conteúdos; clareza dos objetivos propostos, acentuando o desenvolvimento de capacidades cognitivas e de habilidades de pensar e aprender; planos de ensino e de aula; uma classe organizada, alunos motivados e sem tensão; levar em conta a prática do aluno, saber planejar atividades em que ele desenvolva sua atividade mental;

dominar procedimentos e instrumentos de avaliação da aprendizagem. O pressuposto, portanto, é que este seria o caminho mais adequado para possibilitar o sucesso na formação do sujeito como cidadão crítico, autônomo em suas escolhas, capaz de transformar os rumos de sua realidade.

Particularmente em si tratando da EJA, o que se verifica normalmente é um grande distanciamento entre essas premissas pedagógicas destacadas pelas/pelos autores e sua aplicação em sala de aula. Afinal, nesse caso, a singularidade por se tratar de público diferenciado em função do “descompasso” com o tempo da escolarização regular (idade/série), soma-se às razões econômicas, sociais e políticas: trabalho em horário integral/cansaço; falta de estrutura do espaço escolar (ambiente físico, recursos tecnológicos e materiais didáticos, segurança, alimentação), além da falta de formação adequada (inicial e continuada) dos professores para essa atividade.

6. Metodologia

A metodologia tem por finalidade apresentar, de forma clara e objetiva, a abordagem da pesquisa, a natureza e os procedimentos metodológicos, tendo como base, aqui, os pressupostos de Minayo (2001).

6.1 A Abordagem de Pesquisa

A pesquisa caracterizou-se por uma investigação de ordem qualitativa, que segundo a definição de Minayo (2001, p. 21-22),

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Nessa mesma linha ratifica Paulilo (1999, p. 135) quando diz que:

A pesquisa qualitativa trabalha com valores, crenças, hábitos, atitudes, representações, opiniões e adequa-se a aprofundar a complexidade de fatos e processos particulares e específicos a indivíduos e grupos. A abordagem qualitativa é empregada, portanto, para a compreensão de fenômenos caracterizados por um alto grau de complexidade interna.

Sendo assim, a pesquisa qualitativa se encaixa perfeitamente quanto à possibilidade de interpretação do objeto da pesquisa “Arte integrada às tecnologias na Educação de Jovens e

Adultos”. Isso favoreceu a um campo mais abrangente e ao mesmo tempo, mais rico em detalhes e especificidades. Nesse contexto, a pesquisa vai além dos números, adentrando nas vivências das pessoas, nas suas histórias de vida, nas situações vivenciadas em diferentes contextos e visa a esmiuçar as diversas relações sociais vivenciadas pelos sujeitos dentro da sua realidade.

6.2 A Natureza da Pesquisa

Considerando que a pesquisa foi realizada de forma que não houve interferência do pesquisador, o qual atua num determinado local para verificar como se dá a ocorrência de um fenômeno, sem intervir na realidade desse local, aqui favorece perfeitamente ao tipo de pesquisa de Campo. Que, conforme Severino (2007, p. 123),

Na pesquisa de campo, o objeto /fonte é abordado em seu meio ambiente próprio. A coleta dos dados é feita nas condições naturais em que os fenômenos ocorrem, sendo assim diretamente observados, sem intervenção e manuseio por parte do pesquisador. Abrange desde os levantamentos [...], que são mais descritivos, até estudos mais analíticos.

Sendo assim, na pesquisa de campo, o pesquisador busca conhecer como se dá a materialização de algo em um determinado contexto. No caso, buscou compreender como se dá o ensino da Arte integrada às Tecnologias na Educação de Jovens e Adultos.

6.3 Procedimentos Metodológicos

Como técnica, Oliveira (2008, p.63) compreende como a “aplicação de instrumentais, regras e procedimentos que facilitam o processo ensino-aprendizagem e a construção do conhecimento”. Também segundo Dencker e Viá (apud OLIVEIRA, 2008, p.64), “as técnicas referem-se aos procedimentos concretos empregados pelo pesquisador para levantar os dados e as informações necessárias para esclarecer o problema que está pesquisando”.

6.3.1 A Entrevista

No caso deste estudo, adotou-se a entrevista semiestruturada como instrumento metodológico por entendê-lo como mais adequado aos nossos objetivos.

O enfoque fenomenológico privilegiou esta análise porque considerou que os significados que os sujeitos davam aos fenômenos dependiam essencialmente dos pressupostos culturais próprios do meio que alimentavam sua existência. Por isto

[...] essencialmente através da entrevista semi-estruturada e da observação livre, o estudo do que pensavam os sujeitos sobre suas experiências, sua vida, seus projetos. (TRIVIÑOS, 1987, p.130).

Sendo assim, a primeira entrevista foi com Gilberto, na Escola M. Maria Pinheiro, localizada no bairro do Ibura, no turno da noite. Em uma sala reservada, foram colocadas as perguntas, utilizando o questionário como forma de orientar a entrevista, ao que o entrevistado foi respondendo de acordo com as questões constantes no questionário.

Já a segunda entrevistada, professora Letícia, ocorreu na mesma semana, na Escola M. José Cardoso Filho, localizada no bairro do Engenho do Meio, também no turno da noite. Foi reservada a sala dos professores onde foram apresentadas as perguntas, também se utilizando o questionário como forma de orientar a entrevista.

6.3.2 Questionários

O questionário contemplou perguntas que abrangem as categorias: a Educação de Jovens e Adultos (EJA), a Prática Pedagógica e o Ensino de Artes integradas às Tecnologias.

Perguntas:

- Como ocorre a dinâmica de ensino e aprendizagem na sala de aula da EJA?
- Que perspectiva sobre artes e tecnologias é adotada nas práticas pedagógicas dos professores?
- Como isto se expressa nos materiais e processos pedagógicos?
- De que maneira a prática pedagógica dos professores também reflete uma dada perspectiva sobre artes e tecnologias através do ensino?
- Como avaliam o ensino de artes e tecnologias na EJA?
- Como seus alunos compreendem o ensino da arte?
- Como seus alunos compreendem o ensino da arte?
- Sobre a vivência com as artes e tecnologias fora do ambiente escolar no processo de ensino na EJA?

A etapa seguinte da pesquisa consistiu na observação de duas aulas de cada professor em questão, Gilberto e Letícia, no horário noturno. Essa etapa foi fundamental para a constatação da efetividade das práticas de ensino durante as respectivas aulas.

6.4 O Contexto da Pesquisa

A pesquisa ocorreu nos primeiros seis meses de 2019, em duas escolas da rede municipal do Recife. Chamaremos a primeira Escola de **Escola Municipal Maria Pinheiro**, onde esta situada no bairro do Ibura, Escola de ensino médio, funciona nos três turnos, possui 1 pavimento com 8 salas de aula amplas, 1 cozinha, 1 refeitório, 1 sala dos professores, 1 secretaria, 2 banheiros para os alunos, sendo um masculino e 1 feminino, 2 banheiros para funcionários, 1 biblioteca, 1 laboratório de informática e 1 pátio de recreação amplo.

Já a segunda escola chamaremos de **Escola Municipal José Cardoso Filho**, escola situada no bairro do Engenho do meio, de ensino fundamental, funciona nos 3 turnos, sendo manhã e tarde na educação infantil e à noite na modalidade da EJA, possui 1 pavimento com 7 salas de aulas pequenas, 1 cozinha, 1 refeitório, 1 sala dos professores, 1 secretária, 2 banheiros para os alunos, sendo um masculino e 1 feminino, 2 banheiros para funcionários, 1 biblioteca, 1 laboratório de multimídias, 1 sala de apoio à educação especial e dois pátios de recreação.

6.5 Os Sujeitos da Pesquisa

No intuito de preservar a identidade dos entrevistados, utilizaremos o nome “**Gilberto**” para identificar o professor da Escola M. Maria Pinheiro, situada no bairro do Ibura, e o nome “**Letícia**” para a professora da Escola M. José Cardoso Filho situada no bairro do Engenho do meio.

Quanto aos sujeitos entrevistados Gilberto e Letícia, estão na faixa etária entre os 39 a 55 anos. Em relação a Gilberto, o mesmo tem licenciatura em Artes pela UFRPE, curso de extensão em Desenho e Pintura e, também curso de serigrafia, curso de técnicas expressivas, curso de atividades artísticas pelo (SENAC). Leciona há 29 anos, sendo na modalidade da EJA, no primeiro semestre de 2016. Ingressou na Escola M. Maria Pinheiro por meio de um (CTD) Contrato por Tempo Determinado.

Já Letícia tem formação licenciatura em Pedagogia pela UFPE e pós-graduação em Desenvolvimento Infantil e Neurociências. Ingressou na Escola M. José Cardoso Filho por meio de concurso público, onde atua desde 2011, mas leciona há 23 anos, sendo 12 na modalidade da EJA. É uma professora multidisciplinar que está sempre buscando se atualizar em sua área, principalmente através dos cursos de formação continuada.

6.6 Análise dos Dados

A partir dos dados coletados procedeu-se a análise, tendo como enfoque a relação das práticas nos dois ambientes e sua articulação com o conteúdo em discussão e com esta modalidade específica. Para tanto, levou-se em consideração os aportes teóricos da Análise do Conteúdo desenvolvidos por Bardin (1977). Já que envolveu a análise das falas dos sujeitos entrevistados. Bardin (1977, p. 21) diz que “Na análise qualitativa é a presença ou a ausência de dada característica de conteúdo ou de um conjunto de características num determinado fragmento de mensagem que é tomado em consideração”.

Os dados obtidos com esta pesquisa têm por finalidade trazer a compreensão de como se dão as práticas pedagógicas no ensino de arte integrada às tecnologias na Educação de Jovens e Adultos (EJA). Sendo assim, para uma melhor compreensão das informações, tomamos como critério de análise as três categorias que norteiam a discussão proposta neste estudo: A dinâmica da EJA, Ensino de Artes e Tecnologias e Práticas Pedagógicas.

6.6.1 A dinâmica na EJA

No que se refere particularmente à Educação de Jovens e Adultos, é importante reiterar que esta modalidade de ensino tem como pressuposto o atendimento a este público específico (EJA), de modo a possibilitar seu retorno à escolarização, respeitando suas características e oferecendo oportunidades educacionais adequadas e favoráveis em relação a seus interesses pessoais, a busca por melhores condições de vida e de trabalho, por intermédio de cursos e exames próprios. Como destaca Sampaio e Almeida (2009, p.42),

A escolarização como uma das dimensões da EJA, pelo reconhecimento da melhoria que a condição cidadã passa quando os sujeitos dispõem do aprendizado da leitura e da escrita, formando leitores e escritores dos textos que produzem em suas passagens pelo mundo. Ler e escrever, como requisitos que a escola legítima para conferir aos sujeitos melhores condições de exercer a cidadania.

Partindo desta compreensão, procuramos analisar a perspectiva das/dos entrevistados considerando também dos diversos fatores do contexto em questão. Sobre isso, ao ser perguntado sobre como avalia o ensino ofertado para atender a Educação de Jovens e Adultos, Gilberto respondeu: “Bom... é minha *primeira experiência* nesta modalidade de ensino (EJA)” (Gilberto, Professor da Escola M. Maria Pinheiro). Vale destacar que o primeiro contato do referido professor com a EJA se deu no ano letivo de 2016. Apesar de achar que

tem pouca experiência nessa modalidade de ensino, mostrou-se bem disposto em lidar com o novo desafio.

O professor Gilberto leciona a disciplina de Artes apenas uma vez por semana, sendo cinco aulas distribuídas em quatro turmas, cada uma com duração de 40 min. Notadamente, suas turmas são em grande maioria composta por adolescentes e alguns adultos, o que reafirma a crescente presença do público mais jovem nesta modalidade e, com ele, a existência de uma espécie de cultura juvenil. Sobre esse fenômeno, Scheibel e Lehenbauer (2008, p.145) destacam: “Temos uma parcela significativa de jovens que abandonaram as classes regulares e migram para essa modalidade de ensino, bem como para supletivos oferecidos pela rede pública [...]”.

Por outro lado, na turma da professora Letícia observou-se a prevalência de um público mais adulto, com a presença até de alguns idosos entre eles. Isso mostra que tal fenômeno da “juvenização” da EJA não só é algo processual, como também não é determinado, vindo a depender do contexto social e cultural em que as turmas e as próprias escolas estejam inseridas.

O professor Gilberto destacou que é difícil se trabalhar com um número maior de jovens, pois, além do horário não favorecer, por serem curtos, estes alunos são dispersos. Ainda em sua fala, o professor destaca que: “*os alunos são fora de faixa, eles não gostam de ler, não gostam de escrever do quadro*” (Gilberto...). Sobre isto, foi possível perceber o pouco interesse destes estudantes em aprender, pouco se importando com os conteúdos trabalhados, e sim com as provas e trabalhos aos quais são atribuídas notas, algo que, inclusive, ficou confirmado na fala do mesmo professor ao destacar: “*trabalhamos mais para dar os conteúdos para que eles passem*” (Gilberto).

Já no caso da professora Letícia, que atua na EJA há mais de doze anos, ficou perceptível sua motivação e entrosamento com os estudantes. A mesma leciona conteúdos de várias disciplinas para uma mesma turma que, como já destacado, em sua maioria é composta por pessoas mais adultas e alguns idosos. Suas aulas acontecem de segunda à sexta das 19h às 21h, sendo que o conteúdo específico de Artes é ministrado nas quartas-feiras o qual procuramos acompanhar conforme os objetivos da nossa proposta de pesquisa.

Na opinião desta professora, não há sentido em ensinar à EJA, ou qualquer coisa que seja, sem que tenha haver com suas realidades. Nas suas palavras: “*o EJA tem muito disto. São pessoas que estão ligadas muito a rotina de vida, e eles não tem este aparato com outro olhar. A vida deles é muito do cotidiano deles*” (Letícia).

Por outro lado, Letícia não vê dificuldades em se trabalhar com esta modalidade de ensino, pois seus alunos são assíduos, participativos e demonstram interesse em aprender cada vez mais, embora às vezes deem um pouco de trabalho, seja por vergonha, timidez, entre outros motivos, mas que acabam por aceitar as dinâmicas propostas em aula.

“a gente sensibilizar eles, às vezes dá trabalho, porque o sentido de artes para eles é aquela coisa muito da infância, do desenhar, do pintar, que deixou de fazer parte há muito tempo e vários deles nem tiveram essa vivência” (Letícia).

Este professor procura romper, superar as dificuldades que se impõem ao processo de ensino e aprendizagem com sua turma, inclusive quando seus alunos acham que não são capazes de fazer determinadas coisas, como, por exemplo, atividades que envolvam desenho, pintura, escrever algum poema, fazer leitura em voz alta, etc. De acordo com seu depoimento, alguns alunos relatam seu pincel “*era a enxada*” e o papel “*era a roça*”. Esse tipo de depoimento dos estudantes reforça, portanto, sua pouca ou nenhuma familiaridade com a educação formal antes de ingressarem na EJA.

A partir do que foi observando nesse aspecto, importa salientar que, por mais que a Educação de Jovens e Adultos tenha obtido consideráveis avanços na história recente do Brasil, sua eficácia e efetividade continuam sendo comprometidas à medida que acompanhamos o cotidiano de sua oferta. Isso também se deve ao modo de funcionamento das próprias instituições e dos sistemas de ensino, uma vez que não têm oferecido um ambiente propício para que as diversas aprendizagens aconteçam, uma vez que constata-se a escassez de recursos didáticos para serem utilizados durante as aulas e especialmente para o trabalho com este público específico. Sabemos que também é dever do sistema educacional dar condições para que esses estudantes não somente tenham acesso à escolarização, mas também a permanência e efetiva aprendizagem para sua formação plena.

6.6.2 A Prática do ensino da Arte

O ensino de Arte pode nos levar a uma ressignificação da realidade em que vivemos, e com isso, a ampliarmos nosso conhecimento de mundo. Afinal, seja dentro ou fora da escola, entendemos que cada sujeito é único e compreende cada coisa de maneiras diferentes. E é por meio dessas relações que o estudante passa a ter contato com as diversas manifestações artísticas. De acordo com Barbosa (2012, p.5):

“Não é possível o desenvolvimento de uma cultura sem o desenvolvimento das suas formas artísticas. Não é possível uma educação intelectual, formal ou informal, de elite ou popular, sem arte, porque é impossível o desenvolvimento integral da inteligência sem o desenvolvimento do pensamento visual e do conhecimento presentacional que caracterizam a arte”.

Desta forma, quando pensamos sobre a importância da Arte em nosso cotidiano, percebemos que qualquer indivíduo, mesmo que este não perceba, consegue através das linguagens artísticas, estabelecer relações entre si e o mundo, articulando sentimentos e realidade.

Quando questionamos o professor Gilberto como ele vê e entende a importância do ensino de Arte ofertado nas escolas, o mesmo relata que é de suma importância de se trabalhar esta disciplina, pois a arte é parte essencial em nossas vidas, que nos ajuda a pensar, refletir e a termos consciência crítica do mundo ao nosso redor. Por isso, é importante que os estudantes conheçam a história da arte, as obras de arte, seus artistas, e o que é arte de forma geral.

Mas, ainda de acordo com este professor, trabalhar os conteúdos básicos de artes na atual escola tem sido tarefa difícil. Chegamos, inclusive, a presenciar diversos contratempos, tais como: greve de funcionários; a falta de livros; falta de materiais didáticos para esta área; falta de sala apropriada ou um ateliê para este tipo de atividade e também falta de recursos e materiais tecnológicos.

Apesar da constatação e de reafirmar que tal realidade precisa ser modificada, porém, enquanto educadoras/educadores, também entendemos que é possível criar situações que viabilizem aos estudantes superarem tais dificuldades. No que tange particularmente ao ensino de arte:

Precisamos estimular a materialidade da produção em grupo, a imaginação criativa e o entendimento dos princípios articuladores da obra de arte, respeitando a especificidade de cada linguagem e de cada criador (BARBOSA, 2012, p.6).

Também foi indagado ao professor Gilberto sobre como seus alunos compreendem o ensino da arte, e o mesmo nos deu a seguinte resposta:

“Eles não sabem nem o que é arte... no sentido de saber que a dança é arte, a música é arte musical, a arte cênica é a arte do teatro, da novela, do circo. Eles vivem isto o tempo todo, mas eles não sabem que isto é arte, eles não percebem... que a arte esta ao nosso redor” (Gilberto).

Já na compreensão da professora Letícia, o ensino de arte deve partir dos conhecimentos prévios que os alunos trazem consigo ao longo de suas vivências fora da escola. Por isso, a

referida professora procura abordar e contextualizar tudo aquilo que lhes são mais atrativos e que venha a gerar neles motivação:

“Eu procuro mostrar a eles [...] a gente quando trabalha a questão da contextualização da arte, percebo mais envolvimento, quando falo, ou trago alguma imagem”; “Eles são um pouco dispersos... mas quando a gente chega na música contemporânea ai a gente vai trabalhar o mangue beat, a nação zumbi. Eles fazem algumas referencias com o que já conhecem, já viram ou ouviram, através da web, de livros, da televisão” (Letícia).

A professora Letícia entende que o ensino da arte está em todo lugar, a todo tempo e a qualquer momento. Durante suas aulas constatamos que há um efetivo envolvimento de todos, conforme explica em sua fala: *“às vezes a visão deles do mundo é muito cotidiana. Cotidiana no sentido que tudo vai acontecendo e vai fazendo parte da vida deles e vai se integrando” (Letícia).*

Conforme sua compreensão, se o ensino da arte não for de caráter interdisciplinar, ele fica muito superficial, pois precisamos não apenas sentir as questões das artes, não apenas na sua vivência prática, mas é a arte no sentido amplo: *“a arte está na arquitetura, está na fotografia, a arte na escultura, a arte do cinema, da literatura, então ter uma visão mais ampla, isto ai realmente faz essa ponte” (Letícia).*

Como também explica Barbosa (2008, p.232):

“Frequentemente, a arte que existe em nossa vida cotidiana é invisível. No entanto, quando a arte local é interpretada a partir de seu contexto, essa interpretação aciona não só uma maior compreensão da arte em si, mas também uma análise crítica do sistema de produção e dos valores nela refletidos”.

Apesar desse reconhecimento cada vez maior da integração do conhecimento e dos saberes no cotidiano, ainda é possível perceber certa relutância dos estudantes jovens e adultos diante de determinadas atividades, como, por exemplo: pintar, desenhar, entre outras. Como a própria professora menciona:

“Eles dizem: ... ‘Ah, professora, isto está feio’; ‘Ah, eu não sei não’; ‘... trabalhar com pincel... nossa!’.” Eles ficam com aquela resistência, porque eles não tiveram, muitos deles não tiveram nem na educação infantil esse acesso” (Letícia).

Por isso, quando se deparam com essas novas experiências, sentem-se fora de contexto e incapazes de realizar as atividades que lhes são propostas. Quando questionado a Letícia como seus alunos compreendem o ensino da arte, a mesma respondeu:

“É aquela coisa do não ter um “olhar”... ele visualiza, ele enxerga, muitas vezes ele até participa, mas não contextualiza, ele não faz um link, ah... isto é por isto. Ele não faz percepções do dia a dia, o EJA tem muito disto”.

E completa ainda com a seguinte reflexão: “*eu acho que teriam que ter outras vivências, outras situações que pudessem realmente fazer com que eles vissem arte de um jeito muito mais cotidiano, sem ser aquilo muito sistemático*”. Diante desta constatação, a professora procura mostrar que a arte esta em tudo que nos rodeia, e acredita que seus alunos deveriam vivenciar diversas situações em que pudessem de fato enxergar a arte de outras maneiras; de um jeito mais cotidiano.

6.6.3 Implicações da Prática Pedagógica

Segundo entende Souza (2012), prática educativa são processos educativos em realização e historicamente situados no interior de uma determinada cultura. Por isso, organizados de forma intencional por instituições que são socialmente designadas para tal, ao que implicam de todos e de cada um de seus sujeitos práticas adequadas na construção do conhecimento necessário à atuação social, técnica e tecnológica. Assim situada, a prática docente se insere no contexto educacional, revelando as ações integradas às realidades sociais, políticas, econômicas, de forma ampla, interdisciplinar e transversal.

Partindo desta compreensão, questionamos aos dois professores entrevistados, considerando sua formação inicial, como avaliavam o ensino de artes e tecnologias na EJA. O professor Gilberto relatou que teve certa dificuldade, pois,

“o livro didático veio chegar agora [...] devido à falta de materiais básicos para se trabalhar [...] falta de livros, materiais artísticos que o aluno precisa, como: lápis, papel, tintas, pinceis e materiais tecnológicos nem se fala, pois quase não tem [...] perdemos muitos tempo [...] é pouco tempo para se trabalhar os conteúdos”
(Gilberto).

Conforme o relato deste professor é evidente que as ações em sala de aula foram ou estavam sendo comprometidas devido à falta de materiais básicos para efetivação dos trabalhos junto aos alunos. Sem esses recursos, acabava recorrendo basicamente ao quadro, o que demandava ainda mais tempo. Para ele, se houvesse disponibilidade de livros e recursos materiais e tecnológicos “*a gente vai poder passar atividade para se fazer em casa*”. Apesar desta dificuldade manifestada, Gilberto não deixou de demonstrar empenho para conduzir seu trabalho junto aos alunos, inclusive com atividades complementares para fazerem em casa. Porém, também era visível sua limitação aos recursos e materiais didáticos que haviam chegado à escola naquele momento. Ao problematizar esta questão da prática pedagógica, Zabala (1998, p.13) destaca:

“Um dos objetivos de qualquer bom profissional consiste em ser cada vez mais competente em seu ofício. Geralmente se consegue esta melhoria profissional mediante o conhecimento e a experiência: o conhecimento das variáveis que intervêm na prática e a experiência para dominá-las”.

Ao se defrontar com a mesma questão, por sua vez, Letícia trouxe outros elementos a serem considerados na leitura desta realidade. Segundo ela:

“a gente tá com os currículos definidos da prefeitura, então eles colocam a questão da contextualização da arte, o ler, o fazer e o contextualizar, então a gente se subdivide em itens, a gente trabalha com os temas, por exemplo: o frevo, o teatro de bonecos então vai variando” (Letícia).

Além disso, diferentemente de Gilberto, observamos que Letícia já estava trabalhando com os livros didáticos desde o início do semestre. Também, é fato que Letícia tinha mais experiência na Educação de Jovens e Adultos, comparando ao seu colega de profissão. E certamente, também, por isso demonstrava certas habilidades com maior desenvoltura para desenvolver os trabalhos junto à turma.

Outro diferencial desta professora no que se refere à prática docente na EJA é que, embora utilizasse o livro para uma sequência didática, também integrava outros materiais, recursos das diversas artes, inclusive os de produção própria, como vídeos e pinturas de imagens como forma de dinamizar e obter maior participação e capacidade crítica dos alunos. Como destaca Barbosa (2005, p. 98): “a aspiração do arte-educadores é influir positivamente no desenvolvimento cultural dos estudantes por meio do conhecimento de arte que inclui a potencialização da recepção crítica e a produção”.

Sobre o que a mesma considera relevante no ensino de arte na EJA a professora Letícia apresentou a seguinte resposta: “*Olhe, eu vejo pela questão da cultura popular, que é o que tem mais próximo a eles, no caso que eles visualizam na TV, visualizam muitas vezes no bairro, visualizam nas diversas mídias” (Letícia).*

Nesse contexto, em sua prática pedagógica, observamos que Letícia procura refletir o que existe teoricamente nos currículos e no que dizem outros teóricos a respeito do tema. A professora destacou, ainda, a importância de não deixar de contemplar outras linguagens artísticas: “*..na música a gente faz os diversos ritmos, do Pop ao Rock, a Mpb, então a gente faz essa variação”.*

Mas, além dessa dimensão mais especificamente pedagógico-didática, como já assinala Barbosa (2005), a arte na educação, seja como expressão pessoal, seja como cultura no seu sentido mais amplo, é um importante instrumento para identificação cultural e para o desenvolvimento individual. Nesse sentido, os dois professores foram também questionados

sobre o ensino de artes e tecnologias estarem contribuindo para o desenvolvimento do aluno da EJA.

Nas palavras do professor Gilberto:

“Eu procuro mostrar a eles o que é arte, quais os tipos de artes, quais as características de cada arte. Eles não sabem nem o que é arte... no sentido de saber que a dança é arte, a música é arte musical, a arte cênica é a arte do teatro, da novela, do circo. Eles vivem isto, mas eles não sabem que isto é arte, eles não percebem” (Gilberto).

Nesse tipo de diagnóstico é que entendemos que a prática docente precisa ser dinâmica de modo a contemplar as vivências, as experiências, a realidade do dia-a-dia dos alunos para que eles possam se identificar naquilo que está sendo discutido. Nesse sentido, inclui-se o uso das tecnologias. Afinal:

“Não se pretende mais desenvolver apenas uma vaga sensibilidade nos alunos por meio da Arte, mas também se aspira influir positivamente no desenvolvimento cultural dos estudantes pelo ensino/aprendizagem da Arte” (BARBOSA, 2012, p. 18).

Sobre esta questão, a professora Letícia apresentou a seguinte resposta:

“Sim, porque às vezes a visão deles do mundo é muito cotidiana, cotidiana no sentido que tudo vai acontecendo e vai fazendo parte da vida deles e vai se integrando, então eu acho que neste sentido a gente contribui em ampliar, em abrir um leque de informações que muitas vezes eles não têm acesso (é aquela coisa... do não ter um “olhar”) ele visualiza, ele enxerga, muitas vezes ele até participa, mas não contextualiza, ele não faz um link...” (Letícia).

Do mesmo entendimento que Gilberto, Letícia considera que os alunos do EJA têm percepção, visão limitada quando se trata de contextualizar, integrar ou até mesmo conhecer as artes as quais vivenciam. Por essa razão, a prática docente no ensino de artes e tecnologias na EJA, deve possibilitar um maior conhecimento, ampliar a visão sobre as artes inseridas nas realidades dos alunos e, sobretudo, construir um senso crítico e ideias que torne possível a transformação de suas realidades. Afinal, como destaca Perrenoud (apud BARBOSA, 2012, p.39), “é fazer com que cada aprendiz vivencie, tão frequentemente e quanto possível, situações fecundas de aprendizagem”.

Em relação ao envolvimento dos alunos da EJA na aula de arte, outra questão colocada aos professores entrevistados, Gilberto respondeu que o seguinte:

“Eles são um pouco dispersos, mas quando a gente trabalha a questão da contextualização da arte, percebo mais envolvimento, quando falo, ou trago alguma imagem que eles já conhecem, o que a mídia fala, o que coloca ali nas propagandas ou algumas imagens de Michelangelo [...] eles fazem algumas referências com o que eles conhecem, já viram ou ouviram através da web, de livros, da televisão” (Gilberto).

Como observado na resposta do professor, a prática docente envolvendo temáticas do cotidiano, das realidades dos alunos parece ser uma tendência nas salas de aula da EJA, tendo em vista trazer em geral a possibilidade de maior interação dos estudantes com o conteúdo ensinado. Nesse sentido, Agnes Heller (apud BARBOSA, 2012, p.80), diz que:

[...] a vida cotidiana é a vida do homem inteiro; ou seja, o homem participa na vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade. Nela, colocam-se ‘em funcionamento’ todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, ideias, ideologias. O fato de que todas as suas capacidades se coloquem em funcionamento determina também, naturalmente, que nenhuma delas possa realizar-se, nem de longe, em toda sua intensidade.

A professora **Leticia** também parece partilhar do mesmo entendimento do seu colega, a julgar pelo teor da resposta que nos forneceu. Segundo ela:

“para a gente sensibilizar eles, às vezes dá trabalho, porque o sentido de artes é aquela coisa muito da infância, do desenhar, do pintar, que deixou de fazer parte há muito tempo e vários deles nem tiveram essa vivencia. Então às vezes até se expressar nas artes dizem que está feio, não sabe fazer, não sabe usar o pincel. É aquela resistência, porque muitos deles não tiveram nem educação infantil. Alguns deles relatam que o pincel era a enxada e o papel era a roça. E eu sinto que a partir do momento que a gente vai trabalhando é como se eles conseguissem se expressar melhor, é como se eles abrissem mais um meio de se colocar ai. A gente fez uma releitura do Recife (de algumas gravuras do Recife) e eu achei interessante, porque alguns deles tem um plano de desenho muito solto, desenharam uma árvore, um bicho aqui, enquanto outros não fizeram uma planificação direitinha, então tantas dessas habilidades eles se expressam espontaneamente, agora para se expressar dá trabalho! Mas eles se envolvem sim, eles começam a perceber as diversas linguagens, que eles podem se expressar, através de uma figura, através de um desenho, através de uma situação artística” (Leticia).

É bastante visível a ênfase desta professora quando menciona a dificuldade enfrentada para sensibilizar os alunos da EJA quanto ao sentido de arte, uma vez que muitos deles estão “presos” a uma dada realidade, a um cotidiano em que pouco interessa pensar e fazer artes. Diante disso, a prática docente é essencial para mostrar que as diversas atividades envolvendo as artes e tecnologias podem ser um diferencial para o desenvolvimento crítico dos alunos da EJA.

Sobre a incorporação da vivencia com as artes e tecnologias fora do contexto escolar no processo de ensino na EJA, o professor Gilberto registra:

“procuro abordar, principalmente falar sobre a grafiteagem que é o que eles mais veem e é o que eu gosto de trabalhar [...] vou ver se consigo agendar alguns passeios extraclasse [...] quanto mais o aluno sai da sala de aula fica mais interessado. Dessa forma eles poderão utilizar a fotografia ou filmagem, formando suas percepções sobre artes e o uso das tecnologias para fins artísticos” (Gilberto).

O depoimento do professor reforça a importância da prática pedagógica entre as dimensões educativas que podem fazer diferença na tarefa de ensinar artes utilizando tecnologias na EJA. E nesse sentido, o incremento de elementos comuns à realidade dos educandos, principalmente aqueles com os quais lidam diretamente, possibilitam seu entendimento quanto ao papel da arte no mundo e seu significado para cada um deles.

Não à toa, a professora Letícia vai na mesma direção sobre essa questão:

“a gente fez essa leitura bem bucólica assim da cidade, eu mostrei um vídeo e eles fizeram essa releitura, então, muitos deles disseram: “poxa professora eu passava não sabia nem o nome”, aí a gente foi ao Teatro Santa Isabel, foi à praça da república, o próprio marco zero, então eles tiveram um novo olhar, puderam perceber coisas que passavam “batido” vamos dizer assim” (Letícia).

A professora mostra em suas palavras acima que, de forma prática, um dos papéis do docente, principalmente na EJA, é justamente oportunizar a vivência com aquilo que se quer ensinar/aprender, possibilitando os diferentes pontos de vista nesse processo, e assim, ampliar não só o conhecimento em si, mas também desenvolver a percepção crítica dos estudantes, para que tenham condições de atuar, transformar e transformar-se socialmente.

7. Resultados

Entendemos que a EJA é uma modalidade de ensino que tem como proposta ofertar um ensino diferenciado para um público que também se constitui de modo diferenciado por diversos fatores, sobretudo, políticos, econômicos e sociais. Nesse contexto, procuramos desenvolver nossa pesquisa para compreender como se dá a prática de ensino de determinados conteúdos e campo do conhecimento, partindo especialmente do Ensino de Artes integradas às tecnologias.

No decorrer das observações pudemos perceber que o ensino de artes integradas às tecnologias na EJA se diferencia conforme a realidade da comunidade. A Escola Municipal Maria Pinheiro, por exemplo, apresentava uma maior quantidade de jovens, fator que acabava dificultando a aula devido à falta de concentração dos mesmos. Outro fator a destacar é a pouca habilidade de alguns professores para conduzir o processo de ensino nesse contexto específico, apesar do esforço muitas vezes visível. Nesses casos, recai-se ainda basicamente na carência de materiais didáticos adequados como justificativa para a precariedade pedagógica, desconsiderando-se alguns aspectos advindos do próprio docente, na forma de enxergar os estudantes/cidadãos com quem lida cotidianamente. Frente a estas e outras

questões, no que se refere à Escola M. Maria Pinheiro, entendemos que há uma grande fragilidade quanto ao ensino de artes e tecnologias nessa modalidade, como por exemplo, a falta de equipamentos tecnológicos e conhecimento quanto ao uso deles.

Como pode ser percebido nas respostas do professor, embora haja nas perguntas menção aos usos das tecnologias, quase não se fala a respeito das tecnologias e seus usos nas aulas de artes. Nesse sentido, parece evitá-los em suas práticas. Isso se justifica quando o mesmo relata que não tem formação para lidar com as ferramentas tecnológicas. Essa situação corrobora com a grande maioria dos professores que têm dificuldades em trabalhar com as tecnologias em sala de aula, o que em muitas das vezes, distancia os conteúdos disciplinares das realidades dos alunos, que são nativos digitais.

Na Escola Municipal José Cardoso Filho, por sua vez, observamos que há uma maior dinâmica em sala de aula e, por isso, um maior aproveitamento no Ensino da Arte como disciplina em si. Alguns fatores como: o público adulto/idoso, material didático, recursos tecnológicos, professora com habilidades didáticas e experiências na prática pedagógica na EJA, foram decisivos para tal nível de aproveitamento. Um aspecto a ser destacado é a articulação do livro didático de Artes, pela professora responsável, com a realidade e o ambiente onde os estudantes estão inseridos, o que estimula a busca de sentido naquilo que é trabalhado nesse conteúdo específico. Assim, a professora busca contextualizar os conteúdos.

“a gente fez essa leitura bem bucólica assim da cidade, eu mostrei um vídeo e eles fizeram essa releitura, então, muitos deles disseram: “poxa professora eu passava não sabia nem o nome”, aí a gente foi ao Teatro Santa Isabel, foi à praça da república, o próprio marco zero, então eles tiveram um novo olhar, puderam perceber coisas que passavam “batido” vamos dizer assim” (Letícia)

Com relação a esse contexto no qual a professora conduziu a disciplina de arte; a maioria dos alunos era de adultos, professora experiente, dinâmica e criativa nas suas práticas, materiais didáticos e recursos tecnológicos (notebook, projetor, som, tv, celular), tudo isso contribuía para uma aula fluente e com bastante criatividade. Sendo assim, se faziam importantes as novas mídias contemporâneas, suas integrações nas práticas pedagógicas, por serem partes da realidade cotidiana das pessoas. Mas a forma didática da professora contribuía para as necessidades de usos dessas novas mídias (smartphones).

Em vista destas e de outras situações com as quais nos defrontamos, esse trabalho nos fez constatar que as diferentes práticas de ensino de artes e tecnologias na EJA, no contexto atual que se apresenta essa modalidade, dependem quase na totalidade, do esforço do professor/professora, que busca, mesmo diante das diversas dificuldades (falta de tempo,

baixo salário, insegurança, ambiente físico e materiais didáticos e tecnológicos precários, cansaço físico e mental), meios para tornar a didática e suas práticas mais agradáveis e de fácil entendimento aos alunos. Por isso, os resultados obtidos salientam a importância de se investir na qualificação e formação desses professores, tendo em vista todos os desafios que se deparam nesta modalidade de ensino na atualidade.

Não há dúvida de que cabe ao professor em sala de aula perceber as diferenças desses sujeitos e, a partir dessas diferenças, adaptar conteúdos minimamente apropriados as suas realidades, associando os conhecimentos práticos do dia-a-dia ao processo de ensino-aprendizagem, possibilitando-lhes a atuação em sociedade de maneira crítica e reflexiva. Além de políticas públicas que assegurem a qualidade do ensino de Arte na EJA, entendemos que se faz necessário um currículo do ensino de artes que atenda as particularidades desse público, associado a processos de formação específica e direcionada a docentes para essa modalidade de ensino, juntamente com espaços adequados, equipamentos e tecnologias para esta finalidade.

8. Considerações Finais

A experiência vivenciada no desenvolvimento deste trabalho também nos remeteu a outras indagações e possibilidades de estudo, desta vez, a partir da perspectiva dos estudantes como protagonistas do processo, por entendermos que isso é fundamental para o desenvolvimento de projetos e políticas públicas que assegurem um ensino de arte com qualidade na modalidade EJA.

Referências

- ABAURRE, Maria Luiza M. Português: contexto, interlocução e sentido/ Maria Luiza Marques Abaurre, Maria Bernadete Marques Abaurre, Marcela Pontara. São Paulo: Moderna, 2008.
- BARBOSA, Ana Mae. Tópicos Utópicos. Belo Horizonte: C/Arte, 1998.
- BARBOSA, Ana. Mae. Arte/Educação Contemporânea. São Paulo: Cortez, 2005.
- BARBOSA, Ana Mae. Arte/educação contemporânea: consonâncias internacionais. São Paulo: Cortez, 2008.
- BARBOSA, Ana Mae. A imagem no ensino de arte: anos 1980 e novos tempos. São Paulo: Perspectiva, 2012.
- BARDIN, Laurence. Análise de Conteúdo - Edições 70. Lisboa: Persona, 1977.
- BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte. Secretaria de Educação Fundamental – Brasília: MEC/SEC, 1997.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental, Proposta Curricular para a educação de jovens e adultos: segundo seguimento do ensino fundamental: 5ª a 8ª série: introdução/ Secretaria de Educação Fundamental, Brasília, 2002.
- BRUNEL, Carmen. Jovens cada vez mais jovens na educação de jovens e adultos. Porto Alegre: Mediação, 2004.
- BUORO, Anamelia Bueno. O olhar em construção: uma experiência de ensino e aprendizagem da arte na escola. São Paulo: Cortez, 2009.
- C. Coll, E. Martin, T. Mauri, M. Miras, J. Onrubia, I. Sole, A. Zabala. O Construtivismo na Sala de Aula. São Paulo: Editora atica, 2006.
- CARNEIRO, Moacir Alves. LDB fácil: Leitura crítico-compreensiva: artigo a artigo. Petrópolis- RJ: Vozes, 1998.
- FREIRE, Paulo. Não Há Docência sem Discência. Pedagogia da Autonomia. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- HADDAD, Sérgio; DI PIERRO, Maria Clara. Escolarização de jovens e adultos. Revista Brasileira de Educação, São Paulo, n. 14, p. 108-130, maio/jun./jul./ago. 2000.
- LIBÂNEO, José Carlos; OLIVEIRA, João Ferreira de; TOSCHI, Mirza Seabra. Educação escolar: políticas, estrutura e organização- 7. ed. - São Paulo: Cortez, 2009.
- MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.

OLIVEIRA, Maria Marly de. Como fazer pesquisa qualitativa. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2008.

PADILHA, Maria Auxiliadora Soares/CAVALCANTE, Patrícia Smith/ABRANCHES, Sergio Paulino. Tecnologias da Informação e Comunicação na Educação: Mídias e Modelos de Ensino. Recife: Editora Universitária, 2009.

PAULILO, Maria Angela Silveira. Pesquisa qualitativa e a história de vida. **Serviço Social em Revista**. Londrina, v.2, n. 2, p. 135-148, 1999. Disponível em: http://www.uel.br/revistas/ssrevista/c_v2n1_pesquisa.htm. Acesso em: 09 jun. 2019.

REVERBEL, Olga. Teatro e escola. São Paulo: Scipione, 1997.

SAMPAIO, Marisa Narciso; ALMEIDA, Rosilene Souza. Práticas de Educação de Jovens e Adultos: complexidades, desafios e propostas.- Belo Horizonte: Autêntica ed.2009- (coleção em estudos da EJA).

SCHEIBEL, Maria Fani; LEHENBAUER, Silvana (orgs.); Maia, Christiane Martinatti... et al. Saberes e singularidades na educação de jovens e adultos. Porto Alegre: Mediação, 2008.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Cortez, 2007.

SOARES, Leôncio J. Gomes; OLIVEIRA e SILVA, Isabel. Sujeitos da educação e processos de sociabilidade – os sentidos da experiência. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

SOARES, Leôncio J. Gomes. Processos de inclusão/exclusão na educação de jovens e adultos. Belo Horizonte: Revista Presença Pedagógica, v.5. n.30, 1999.

SOUZA, João Francisco. Prática pedagógica e formação de professores. 2. ed. Recife: EDUFPE, 2012.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa e educação. São Paulo: Atlas, 1987.

ZABALA, Antoni. A avaliação. A prática educativa: como ensinar. Porto Alegre: Artmed, 1998.